

Afetos-Experimentações de uma EduCaçãO MaTemática que Afirme Vidas e uma Troca de Cartas que Exercite uma Escrita por Vir

Affects-Experimentations of a MaThemaTics EduCatioN that Affirms Lives and a Correspondence that Practices a Writing to Come

Danilo Olímpio Gomes

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Alagoas (IFAL)

Paola Amaris-Ruidiaz

Universidad Pedagógica y Tecnológica de
Colombia (UPTC)

Roger Miarka

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(UNESP)

RESUMO

O que é um resumo? Uma forma, com cerca de vinte linhas, que traz a apresentação de uma pergunta, objetivos, metodologia e resultados? A que serve? A um mecanismo de busca? Que mais pode um resumo? Que pode o resumo de uma experimentação? Pode o próprio resumo operar como experimentação? Que pode um resumo que não afirme nem explique? Que pode um resumo que opere com educação e educação matemática e filosofias da diferença e outras coisas mais? Que outras coisas podem ser compostas com um resumo? Que pode um resumo que anuncie uma proposta de experimentação de escrita? Que pode um resumo que produza junto a uma troca de cartas? Que pode um resumo de um texto que não se esgota em si e nem busca uma completude? Resumo faz rizoma? Resumo agencia? Resumo gagueja? Resum? Resu? Res? Re? R? ? ? ?

Palavras-chave: Experimentação. Experimenta. Exper. Perimenta. Menta.

ABSTRACT

What is an abstract? A shape, with about twenty lines, that presents a question, objectives, methodology and results? What is it for? To a search engine? What else can an abstract? What can the abstract of an experiment do? Can the abstract itself operate as an experiment? What can an abstract that does not state or explain can do? What can an abstract that works with math education and education and philosophies of difference and so on? Which other things can be composed with an abstract? What can an abstract that announces a proposal of a writing experimentation do? What can an abstract that produces with a correspondence of letters? What can a text's abstract that does not exhaust itself and does not seek completeness do? Does Abstract do rhizome? Does abstract agency? Does Abstract stutter? Abstrac? Abstra? Abstr? Abst? Abs?Ab? A????

Keywords: Experimentation. Experiment. Exper. Periment. Ment.

CARTA AOS LEITORES**15 de julho de 2021**

Queridos leitores,

Nós, agora em três, mas que em algum momento já fomos dois, gostaríamos de contar a vocês um pouco sobre o texto que ora toma forma. Não, não se trata de explicar o que está por vir, mas de, possivelmente, ajudá-los a *preparar* seus corpos para serem agenciados. Se isso acontecerá ou não, apenas cada um de vocês poderá dizer.

Como sabem, este artigo faz parte de uma edição temática da Revista Hipátia sobre “Experimentações em educação e educação matemática junto às filosofias da diferença”. Nós, que já há algum tempo gostamos de operar com conceitos das ditas filosofias da diferença na educação matemática, queríamos elaborar uma proposta que assumisse a própria *experimentação* em si. Acabamos por apostar na própria *experimentação* da escrita de um texto. Como? Por meio de cartas em que conversávamos sobre educação, educação matemática e filosofias da diferença. Simples assim? Sim, simples assim! Assumimos um movimento de conversa em que carregamos conosco essa proposta por mais de um mês, sem um fim bem definido, mas dispostos a nos comprometer com o meio. Aliás, que outras experimentações poderiam surgir dessa experimentação quando compomos essa conversa com outros elementos que surgem em nosso entorno?

Assim, não lhes diremos o que esperar ou o que não esperar. Apenas os convidamos a estarem abertos aos *afetos* que essa leitura possa produzir e, com estes, produzir suas próprias invenções de mundo e seus modos próprios de mobilizar educação e educação e filosofias das diferenças...

DANILO OLIMPIO A ROGER MIARKA**08 de junho de 2021 e em alguns outros momentos**

Querido Roger,

Esse movimento inicial de escrita de cartas está sendo um tanto estranho: não sei se estou escrevendo para você ou se estou escrevendo o artigo ou se o artigo está sendo *escrito* para que eu escreva para você ou se estou escrevendo para você para que o artigo seja *escrito*.

Ou tudo isso.

Ou nada disso.

Uma espécie de espiral.

Sinto-me girando e girando...

DANILO OLIMPIO A ROGER MIARKA**11 de junho de 2021**

Querido Roger,

Estou pensando muito em nosso artigo, neste movimento de escrita que começamos a fazer, e resolvi escrever para compartilhar duas coisas que aconteceram comigo nesses dias, as quais, penso, podem trazer potência ao que estamos construindo.

A primeira delas é que anteontem passei a manhã toda capinando o quintal aqui de casa. Morar em uma casa é muito bom. Antes de morar aqui, passei alguns anos morando em apartamento, mas só quando voltei a morar numa casa pude entender o que me incomodava: a falta de um lugar para sair, um fora dentro de casa: um *quintal*. O *apartamento* é cercado pelas paredes de alvenaria. Tem-se, no máximo, uma varanda ou mesmo as janelas para olhar para

fora. Mas não conseguimos ir para além dos muros. O quintal é diferente, ele proporciona essa saída, mesmo estando dentro do terreno da casa. Uma extensão do território delimitado pelas paredes da casa, que também é limitado pelos muros do terreno, mas que proporciona um respiro, um olhar para o céu, um respirar ar puro.

Trago esses pensamentos iniciais, pois vejo esta construção que estamos fazendo como uma espécie de quintal em que estou conseguindo parar para respirar, para olhar as linhas e, sem afobação, colocar, letra após letra, o que se passa em meus pensamentos quando penso nas possibilidades de escrita deste artigo que vamos escrever enquanto estamos escrevendo. Um quintal em que o mato cresce desenfreado, pois as águas não param de cair e fluir, no qual não é preciso tentar capinar, visto que os braços ficariam extremamente cansados diante de vã tentativa. É bonito ver o mato crescer diante de nossos olhos e senti-lo com a sola dos pés descalços, não é mesmo?

A segunda coisa que gostaria de compartilhar é algo mágico: há algumas semanas, Paola me convidou para participar de uma das aulas da *disciplina* que está ministrando em seu pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, envolvendo Deleuze e educação matemática. Convidou-me para uma *experimentação* na qual o conceito de *corpo sem órgãos* deveria ser operado (na verdade, é preciso dizer que foi a partir deste convite que esbarrei em Artaud, pois quis mergulhar na obra deste que compôs um conceito tão potente). Li bastante para *preparar* o corpo para o *encontro* e propus que os participantes fizessem o mesmo, seguindo as seguintes sugestões: 1. Ouviram a transmissão radiofônica de Artaud, intitulada *Para acabar com o juízo de deus* (que pode ser encontrada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=NDRRKJQw4w4>, em sua versão em português belamente elaborada pelo Teatro Oficina); 2. Lessem o capítulo dos Mil Platôs, no terceiro volume, em que Deleuze e Guattari falam sobre “Como criar para si *um corpo sem órgãos*”; 3. Lessem o capítulo da tese (disponível no link: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192603>) em que operamos com o conceito de CsO, em um jogo em que Narrador, Roberta e Autor discutem sobre possibilidades estéticas da Tese e na qual trazemos aquela figura de um animal totalmente despossuído de uma organização prévia.

O encontro ocorreu exatamente ontem e é por isso que não resisti em escrever. Ter respirado no quintal anteontem, *preparado* o corpo, também, com a enxada e ter respirado ar puro, ter pisado descalço na terra, sentindo o barro entrando no meio dos dedos (a enxada também entrou na ponta de meu dedão do pé esquerdo, mas não foi grave, um mero descuido), tudo isso me *preparou* para essa construção de um corpo sem órgãos junto com os alunos de Paola. E foi lindo, foi intenso, foi potente.

Uma composição, uma experimentação em que partimos de sete palavras que identificavam as pesquisas de cada um ali presente e na qual passamos, com muito cuidado, à composição de textos, nos quais essas identidades previamente reconhecidas e estabelecidas deveriam ser deixadas de lado para que a pesquisa se mostrasse de uma maneira outra, não identificada por palavras-chave, não caracterizada por um caminho definido e estruturalmente pensado previamente. Ali, foi possível sentir a potência da criação acontecendo, o desejo sendo operado como lugar a ser ocupado pelos *afetos* que pediam passagem e que, através dos *escritos* daquelas pessoas maravilhosas, conseguiram atravessar.

Fiquei atento, a todo instante, no que estava acontecendo “nos bastidores” daquela criação, e pude perceber coisas interessantes: uma delas é a relação que é feita entre a utilização de conceitos que operamos em nossos trabalhos envolvendo filosofia da diferença e educação matemática e a necessidade, aparentemente intrínseca, de se escrever de maneira diferente da usual. Acho que é uma das maiores armadilhas com a qual lidamos (a da categorização), e que pode *capturar* intensidades (facilmente, cai-se na arapuca e pensa-se que é tudo (somente) uma questão de estilo de escrita). Nossas falas, a partir dessa constatação, fizeram passar palavras que diziam que a necessidade é que a coisa toda funcione, que traga potência aos *afetos* que pedem passagem. O instrumento estético que será utilizado para dar passagem a esses *afetos* é secundário e deve ser escolhido por necessidade, quando a escrita pede por aquilo, e não escolhido anteriormente de modo a fazermos “encaixar” o que queremos dizer dentro daquele estilo que escolhemos previamente, por ser mais “bonito” ou porque está “na moda”. É uma

posição estética assumida politicamente diante das potências que se movimentam na travessia dos afetos.

Fico pensando na dificuldade que muitas pessoas sentem com relação a isso, ainda mais aquelas que não entram no fluxo de suas potências e escrevem para atender a alguma demanda instituída ou institucionalizada. E isso é algo que incomoda, pois a ideia é justamente o contrário: deixar toda categorização prévia de lado e, a partir das estratificações evidenciadas naquilo que se deseja pesquisar, criar *rupturas* e operar na fenda, como um cão cavando seu buraco (nas palavras de Deleuze citando a obra de Kafka).

Meu amigo, sinto que estou me passando neste relato e gostaria de parar, por enquanto. Ainda está tudo fervilhando aqui dentro e, se continuar escrevendo, pode ser que me perca daquilo que gostaria de lhe entregar. Continuarei reverberando as potências do *encontro* de ontem e, nos próximos dias, envio outros *escritos*.

No entanto, gostaria de acrescentar só mais uma coisa: em uma de minhas falas, ontem pela manhã no *encontro* com a turma de Paola, disse sobre como Roberta estava aguardando na dissertação de mestrado com seus questionamentos sobre como fiz para enxergar a Análise de outro modo e se eu queria ser professor de Análise. Eu disse que ter encontrado essas questões nas falas de Roberta, numa entrevista feita anos atrás, foi algo tão forte que passou a fazer parte da pesquisa de doutorado, mesmo que o objetivo inicial não passasse nem perto de Roberta e de seus questionamentos. Assim, disse que Roberta foi um corte no fluxo do que achava que iria fazer na tese.

Paola, então, perguntou: “Danilo, como você soube que Roberta era um corte, uma *ruptura*?” Respondi que foi por ter se tornado algo impossível de ignorar (algo que deveria passar, me rasgando e me atravessando) e que o que fiz foi deixar passar. Desta maneira, toda a possibilidade ética-estética-política que adotamos na tese passou a ser operada a partir daquele corte no fluxo e na carne e no corpo com órgãos, que insistia em escrever uma tese e que passou a ser, instantaneamente, a própria tese. No entanto, essa pergunta está reverberando muito forte: como sabemos que algo é um corte? Como identificamos que algo é uma *ruptura* no fluxo e que devemos seguir com aquilo, deixar aquilo passar, atravessar? É possível saber ou identificar essas coisas ou isso ultrapassa saberes e identidades?

Termino por aqui, aguardando sua resposta. Alerte-me se essas coisas que trago podem produzir ou se estou escrevendo demais, como tenho o hábito de fazer.

Forte abraço!

Danilo

ROGER MIARKA A DANILO OLIMPIO

30 de junho de 2021

Querido Danilo,

Gostei muito de suas histórias. Elas me convidam a operar com alguns conceitos. Eu cresci em uma casa com um grande pomar e acabei por me mudar para um apartamento na adolescência, um ambiente que à época me parecia extremamente claustrofóbico. Isso mudou com o tempo à medida que me adaptava à nova morada. Hoje vivo em um apartamento e comprei recentemente uma casa de campo, à qual ainda não me acostumei com o espaço, sentindo-me um pouco perdido com um local com menos limites imediatos. Volta e meia prefiro ficar no apartamento, por entendê-lo com mais possibilidades.

Que lições posso tirar disso, Danilo?

1 – Não é a *forma* do espaço em si que diz de sua ocupação, mas o modo como o ocupamos. Sempre há a possibilidade de ocupar e de escapar.

2 – Há espaços que parecem já ter certos modos canônicos de utilização. Aqueles que não o possuem, permitem nossa tomada de decisão de como ocupá-los e, um efeito disso, por vezes, é não saber o que fazer com o lugar, tal como acontece em minha chácara.

Gostaria de dizer mais sobre o segundo ponto: e se o espaço fosse ainda maior que seu quintal ou minha chácara? Quem sabe um *alto-mar*? O que nos faria movimentar em alto-mar?

Vi-me náufrago e imaginei que não seria o espaço em si que me faria mover. Afinal, todo o mar parecer-me-ia igual. O movimento só se daria pela possibilidade de criar um caminho para algum lugar, ainda que não soubesse bem sobre esse lugar de destino. Para a criação desse caminho, para evitar caminhos em círculo, *balizas* far-se-iam necessárias.

Pensei nessa nossa conversa como um mar de ideias, pelas quais nadamos como náufragos. Vi-me na necessidade de constituir uma *baliza*, um objetivo, ainda que temporário para a constituição desse caminho. Afinal, como diria nossa amiga Sônia Clareto "Vale *tudo*, mas não vale *qualquer* coisa". A distinção entre o *tudo* e *qualquer* coisa pode ser operada pelo critério da *baliza* de intenções.

Qual seria a *baliza* desse nosso texto, esses pequenos ancoradouros para produzirmos um caminho? Que tal estabelecermos uma pergunta, ainda que temporária?

Que pode a educação matemática quando operada pela filosofia da diferença?

Talvez pudéssemos escrever um *manifesto*!! :D

Há alguns temas que gostaria de discutir a partir de sua última carta, mas vou esperar para escrever mais depois de um *encontro* que tenho amanhã com a turma da Paola, no mesmo esquema que você participou. Seu relato meu trouxe grande expectativa.

Forte abraço!

ROGER MIARKA A DANILO OLIMPIO

2 de julho de 2021

Danilo,

O *encontro* com a turma da Paola foi sensacional. Vou contar um pouco como foi, pois acho que tem a ver com isso que estamos experimentando aqui.

Paola e eu organizamos uma estrutura inicial para a aula, com a proposta de operar o conceito *menor*/Maior de Deleuze. Prefiro sempre pensar em uma estrutura inicial para a aula do que em um aprofundamento do conteúdo, pois acredito que uma grande potência desses *encontros* é quando criamos uma estrutura que potencialize o compartilhamento de *afetos* de todos os participantes e produções que desloquem esses *afetos* para outros lugares. Com isso, tenho a expectativa de que todos produzam outros corpos quando nos colocamos em conexão com os *afetos* dos outros.

Anteriormente à aula, todos foram convidados a ler o texto "Caricatura: provocações revolucionárias em torno de uma possível 'arte *menor*'", do Camilo Riani e do Silvio Gallo.

Iniciei a aula agradecendo o convite e já usei de imediato aquela ideia do *quintal*, apartamento e mar, sobre a qual te contei em minha última carta. Propus que nossa *baliza* inicial pudesse ser uma pergunta a atravessar o encontro: "Como o conceito de *menor*/Maior pode operar [na educação matemática]?".

Em seguida, apresentei a música *Punk is dead*, do Crass (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DclOTRDswF8> e tradução em <https://www.letras.mus.br/crass/187758/traducao.html>). A ideia era tentar escapar de uma tentativa de uso do conceito como identificador do tipo "isso é menor" ou "isso é Maior", mas pensar em modos como um conceito opera. Afinal, há toda uma discussão polêmica sobre o movimento punk, que alguns entendem como movimento e outros como uma máquina de guerra já há muito *capturada* por um aparelho de estado. De todo modo, nada foi dito. Apenas sentimos a canção.

Estávamos em 17 pessoas. Convidamos todos para uma dinâmica em que cada um fazia uma pergunta para outra pessoa, que deveria se apresentar respondendo a pergunta. Perguntas não poderiam ser repetidas. As perguntas foram super bem elaboradas, Danilo. Eu ia anotando o que podia.

Buscamos pelos primeiros *afetos* do texto. Para abrir esse momento, tentei operar cada uma das respostas das perguntas de apresentação com o conceito *menor*/Maior. Foi uma coisa

de louco, Danilo. Não foi previsto. Nesse insight, me dei conta na pele de que um conceito é forte por conta de seu *funcionamento*, pela potência de agenciar, pela possibilidade de operá-lo em diferentes situações. Isso abriu uma discussão muito bacana, em que a história do movimento Punk também apareceu. Insistira em anotar tudo que podia.

Assistimos, então, ao curta-metragem *Passionément*, de Ghérasim Luca (<https://www.youtube.com/watch?v=KqL6d9fel-M>) para deslocar um pouco a discussão para a *linguagem* e modos como operá-la como *menor*. O curta é lindo. Dá a impressão de um gago produzindo vidas, palavras, ideias e sensações com sua *gagueira*. Como o curta tinha 6 minutos, isso me deu tempo de organizar a próxima etapa.

Paola e eu preparamos previamente a proposta de uma *experimentação* que visava à produção de uma composição (entendida de maneira ampla) utilizando elementos de cinco caixas. A "Caixa 1 - Pedras" continha imagens associadas a um modo de operar Maior; a "Caixa 2 - Pedacos" trazia trechos do texto do Camilo e do Gallo; a "Caixa 3 - Mundos" possuía notícias atuais de diferentes países; a "Caixa 4 - Lâminas" dispunha elementos que dissessem de um modo de operar *menor*; e a "Caixa 5 - Afetos" compreendia elementos falados pelos alunos durante a apresentação e durante a discussão inicial do texto. A sala foi dividida em quatro grupos. Cada grupo teria que produzir uma composição junto à pergunta do dia "Como o conceito *menor*/Maior pode operar [na educação matemática]" a partir da escolha de um elemento de cada uma das quatro primeiras caixas e de todos os elementos que quisessem da quinta caixa. (Caixas disponíveis em <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1iUHMg2D1GmT6nyWM9OsBgn-72xWzEc6o>).

A última etapa do *encontro* foi a apresentação e discussão das produções realizadas. O primeiro grupo operou com os elementos linearmente produzindo uma narrativa que os articulava. O segundo grupo produziu uma composição em uma tela única em que os diferentes elementos se atravessavam. O terceiro grupo elaborou um texto que utilizava todos os elementos conjuntamente movidos pela pergunta do dia. O quarto grupo criou uma composição que mesclava música, movimento, elementos... Uma coisa muito doida, em que os elementos estavam desconstruídos e dançavam.

Foi mágico Danilo!

Fiquei pensando que lições poderia tirar disso para "Que pode a educação matemática quando operada pela filosofia da diferença?".

Ainda quero discutir algumas questões de corpo e de armadilhas que estão comigo a partir de uma carta sua... Depois volto a escrever.

ROGER MIARKA A DANILO OLIMPIO

03 de julho de 2021

Danilo,

Estou aqui pensando com meus botões. A Paola está aqui conosco sem que nos tenhamos dado conta. Você percebeu como os *encontros* com ela nos afetaram a ponto de trazê-los para nossa troca de cartas? Aliás, entendo que esses *encontros* são eles mesmos experimentações do que pode uma aula quando aberta aos *encontros*, algo como experimentações que se agenciam a essa *experimentação* de escrita deste texto. Que tal convidá-la a participar dessa nossa conversa e desta escrita-*experimentação*?

DANILO OLIMPIO A PAOLA AMARIS

04 de julho de 2021

Eu não quero escrever...

É assim que tem início a maravilhosa composição de Diogo, integrante do prestigiado grupo da *disciplina* oferecida por você, amiga Paola, em seu pós-doutorado – e da qual tive a

imensa honra de participar na composição de algumas urdiduras para uma trama de vários fios e linhas e emaranhamentos e escapes.

Não querer escrever remete-me ao que Foucault diz em alguns de seus escritos, e que Deleuze relembra em vários outros: “a escrita só é possível na impossibilidade de se escrever” – por isso sinto esse início tão potente. Se ele não quer escrever, se ele não pode escrever, é aí que a escrita torna-se possível, potência para engendrar-se com corpo e sangue e servir de zona de passagem para tantos afetos que habitam suas entranhas à flor da pele. Ler as linhas da composição me fez enxergar com o corpo toda a amplitude de sua proposta, Paola, de experimentar junto com Deleuze e a educação matemática – e foi lindo acompanhar os passos, cada encontro, cada produção e desdobramentos que ocorreram.

Não vou negar que, ao ler o relato sobre o CsO e perceber o quanto Antonin Artaud permeou os *escritos* de Diogo, me arrepiei e os olhos lacrimejaram. Foi lindo ler, a partir do outro, algo que participei e que também senti.

Paola, sua presença aqui conosco (Roger e eu), aconteceu muito antes do que podíamos imaginar – você já estava nas entrelinhas, esperando o momento de ser lida e observada. A proposta inicial de *experimentação* foi atravessada por você e sua *experimentação*, que nos convidou para outras experimentações. Esse atravessamento de práticas do corpo reverberou diretamente em *rupturas* de nossa escrita – já não somos mais os mesmos de quando começamos.

Não vou me alongar, pois estou trabalhando em outra carta acerca de nossa experiência e logo lhe mando, para que possa invadir com seus *afetos* – os quais metamorfoseiam-se em nossos.

No entanto, não posso deixar de terminar com uma provocação, a qual já citei em uma das cartas para o Roger: “Paola, como saber se você (corpo Paola) opera como uma *ruptura*, como um corte, nisso que estava acontecendo nestas linhas?”.

Forte abraço!

P.S. Eu não conseguia escrever em forma de artigo. Não conseguia escrever. Por isso, escrevi.

ROGER MIARKA A PAOLA AMARIS E A DANILO OLIMPO

Em algum momento

Querido Danilo, querida Paola,

Como *conformar* isso que aqui fazemos em artigo científico? O que se espera de um artigo? Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Pergunta, Objetivos, Análise, Discussão, Resultados, Referência? Em uma primeira tentativa de escapar desse modelo canônico, propus há alguns dias uma organização de nossas discussões em seções, que chamei de “Uma proposta: a escrita de um artigo por meio de cartas”, para apresentar a proposta; “Um atravessamento: Paola e um contexto-*experimentação*”, oferecendo ao leitor um pano de fundo para nossas experimentações; “Danilo e Paola experimentando” e “Roger e Paola experimentando”, para dizer das experimentações no curso oferecido pela Paola com nossa participação; “*Afetos-experimentação*”, para trazer *afetos* dos participantes desses *encontros*; “*Cartas-experimentação*”, para revelar as discussões em torno das experimentações; e “Manifesto”, com um posicionamento acerca do tema.

Percebi quão estruturado e organizado em uma lógica linear todo o texto estaria. Operaria ali uma *captura* por uma *forma* canônica velada? Buscava por uma legitimação de nossas discussões em uma *forma* acadêmica? O que afirma essa estrutura em que cada seção tem uma função bem definida? Que produz um artigo com tal organização? Que busca? Uma *forma* aceita? Os fins justificam os meios?

Um artigo pode ter seções (órgãos) sem funções determinadas? Pode assumir não ter referências que o legitimem? Precisa de uma pergunta única que o atravesse? Pode mover-se

ao longo de sua escrita? Deve esgotar-se e completar-se em si? Pode um artigo que assuma afetos e escapes?

Que outros modos podemos inventar que não sejam aqueles guiados por e para um fim? Os meios podem justificar algum fim ainda por vir?

PAOLA AMARIS A DANILO OLIMPO

7 de julio de 2021

Querido Danilo,

Su carta me llega en un momento tan necesario, como esta lluvia que está sintiendo la tierra en este instante.

Mañana cerraré la asignatura que tanto hablas “Conexões: Deleuze e a Educação Matemática” y tengo mucha ansiedad, porque les pedí que hicieran como trabajo final un diario de intensidades. Por eso, cuando comienzas con esa frase “eu não quero *escrever*”, me toca mucho, porque es una frase fuerte, como dice aquella canción “Eu nunca soube o que fazer com as vírgulas”. Pues me pasa que no sé qué hacer con aquellas palabras vulnerables, siento que quieren caer como la gota de agua, pero no quieren desprenderse de su ventana.

Yo solo les digo a aquellos que me muestran esa imposibilidad, escriban, y si las palabras llegan a ser tan desgarradoras, pues escriban con la sangre que te desgarras. Claro, entiendo lugares, como aquellos que no quieren salir de esa imposibilidad, por eso esa frase de Foucault ciertamente nos recuerda que solo se *escribe* en esa imposibilidad. Danilo, te confieso, que para mí es mi lugar de resguardo, incluso al escribirte esto.

Hace mucho quería escribir, y leerlos a ti y a Roger, porque son personas que quizás he entendido con el pasar del tiempo, que se puede construir relaciones de complicidad, y entiendo ahora más, lo que Deleuze llama “aliados”.

Danilo, el crear juntos, el pensar juntos conceptos como el *cuero sin órganos* desde la *experimentación*, me hace creer que realmente estamos construyendo una máquina de *afectos*, puede sonar un poco loco, pero creo firmemente que el hacer talleres y crear lugares desconfortables, realmente nos hace pensar en el mundo que habitamos. Incluso, la frase por la cual comenzamos nuestra discusión “Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas”, y como, los dos sin necesidad de tanto esfuerzo, nos ponemos también en ese lugar de observador, pues la creación también requiere prudencia, sobre todo si estás trabajando con conceptos tan fuertes que necesitan pasar por otros lugares, necesitan pasar por todo el cuerpo.

El escucharte y decirme lo maravilloso que fue la invitación y lo increíble que fue el momento del *encuentro*. Así como no olvidaré las caras de todos los estudiantes cuando dijiste: “Bueno, ahora, con esas siete palabras que describen o identifican su investigación, escriban un texto sobre lo que puede su investigación, pero sin esas siete palabras”. Yo solo sonreí, por las expresiones de todos en esos cuadritos de la pantalla de mi computador. Escucharlos a cada uno, diciendo, “¡es muy difícil salir de ese lugar que identifica!”, “¡ahora que hago sin esas palabras!”.

En ese momento me dije “¡Es eso! Es crear líneas de fuga”. Me divertí tanto ese día, porque de cierta manera, me gusta crear lugares en los cuales nos preguntemos lo que hemos naturalizado. Así, espero haber respondido tu pregunta. Quiero escribirles a ti y a Roger sobre cómo fue el último encuentro y el diario de intensidades.

Fuerte abrazo Danilo.

Paola.

DANILO OLÍMPIO A PAOLA AMARIS E A ROGER MIARKA
11 de julho de 2021

Querido Roger, querida Paola,

Preciso compartilhar algo que aconteceu comigo nestes últimos três dias: estava tentando operar com a carta do Roger acerca de sua experiência com a *disciplina* da Paola e fiz um experimento: entrei nas cinco caixas, deixei os *afetos* atravessarem como vetores desenfreados e fui sentindo tudo aquilo, pensando muito sobre o relato tão belo da *experimentação*. Escutei a música do Crass, li a tradução e comecei a pensar muito na questão dos movimentos, dos sistemas e sobre o quanto *capturas* operadas por aparelhos de estado levaram toda uma máquina de guerra a se tornar o que pode ser denominado como “punk de vitrine”, em que usar moicano, *spikes* e todo um aparato de jeans misturado com couro tomaram o lugar de práticas potentes para uma vida autêntica e criadora, poeticamente embebida em um modo de resistir ético, estético e político.

Quando percebi, estava na turma de Paola, presente no encontro, ansiando pela oportunidade de produzir algo com todas aquelas provocações e inspirações – foi possível ver o brilho nos olhos dos presentes, sentir a vibração das cordas e soar junto àquela sinfonia maravilhosamente operada por modos de compor no instante-já da criação. Em mim, tudo ainda estava na linha imaginativa, meros virtuais a pairar na nuvem que me envolve. No entanto, assisti à Passionément. O que aconteceu depois disso não é possível ser descrito na linearidade desta urdidura operada com alguma consciência estética epistolar.

Fui contaminado com a/pela experimentação. Se estivéssemos em um laboratório analisando alguma coisa que não pudéssemos tocar, sob o risco de colocar sob suspeita os resultados encontrados, diria que me *lambuzei* todo com a substância analisada – esfreguei no rosto, nas mãos, nos braços, em toda a extensão da pele e dos fios de cabelo, e sorvi o restante.

TENTA

É.

Ê.

Êx. És. Équis. Êssi. Équis.

Esquí. Êsqui. Esc. Esquiz.

Scusi.

Espe-peri. Pê-péry. Pê-péri. Pê-píre.

Pí-pi. Pi-pi. Pi-pí. Pi-pê. Pi-pires.

Pe-perí. Pe-pêri-mé. Peri-mê. Perrí-mê.

Rí-mé. Ri-mê. Rí-mêl.

Mél. Mêu. Meû. Méú.

Méu-pê. Méu-pé. Miú-pé.

Mío-pê.

Perimê. Perímês. Perí-mê-tró.

Pólis.

Peri-mêtro. Peri-métrô.

Metrô. Metrê. Metrí.

Mêtrê. Mêtrê. Mestrú.

Mê.

Tê.

Tchí.

Tú-tá. Tí-tá. Tê-tá.

Mê-dá.

Mê-té. Mê-tê. Mé-tê. Mê-tô.

Mi-tchu. Tú-mi. Tó-me. Tó-ma.

Cume. Coma.
 Perí-ne. Peré-nê. Perré-ne.
 Terréne. Terréno. Peréno.
 Perinô. Pe-ríno. Perí-neo.
 Mí-níno. Mê-nóto. Mí-núto.
 A-rrímo. A-rrêmo. Re-mó-tô.
 Tê.
 Nêo. Néo. Nío.
 Níus.
 Pêri.
 Peri-fé. Fé. Fêh.
 Féz. Fêz.
 Fiz.
 Fêze. Fézes. Fásses.
 Fáz-se.
 Rís-co. Trí-cô. Trís-cô.
 Trá-go.
 Trí-go.
 Prico. Prégo. Punto.
 Peri. Tô. Perí-tô. Peri. Qui-tô.
 Quéto. Quéta. Quéda. Quéra.
 Quimé.
 Ra.
 Queira. Quêro. Quéro.
 Xêro.
 Quiéta.
 Pê-pêri. Perí. Perí-métro.
 Pêra. Péra.
 Es.
 Péri-éx. Péri-ês. Pêri-ês. Peri-ésc. Peri-équis.
 Éssi. Êsse. Esti. Estô.
 Ex-peri. Experi-men.
 Mén.
 Man. Ta. Mân-trá.
 Man-tá. Men-tê. Men-tí. Men-tô.
 Sem.
 Mun-tô. Mún-te. Món-te.
 Mu-ter.
 Mu-ma. Ma-me. Ma-ma. Mí-lo
 Man-co. Mun-co. Mu-co. Mú-to.
 Mun.
 Dô.
 Tô-da.
 Ex-pe-ri-men.
 E-pex-rin-me.
 Ex-pe-ri-nme.
 E-pes-srim.
 Es-pê-ssô.
 Ex-pré-ssô.
 Vá-go.
 Vá-cu-o.
 Ex-pê.
 Lir.
 Ler.

Lár.
 Ex-per-ni.
 Ár.
 Expe-rine.
 Experi-men-tchi.
 Experi-men-dar.
 Experi-men-pôr.
 Experi-ta-car.
 Experi-men-zar.
 Experi-men-çar.
 Ex-pére.
 Péle-chan-frar.
 Men-dar.
 Mê.
 Dá.
 Ê-mén-dar.
 Men-dá. Fen-dá. Ren-dá.
 Mê-ren-da.
 Mê-rren-da.
 Experi-men-tiu.
 Ex.
 Péle!
 Andar-Lançar-Caçar.
 Voltar-Parar-Sentir.
 Cair-Deitar-Vazar.
 Cuspir-Descer-Gemer.
 Catar-Rolar-Sentar.
 Pensar-Saltar-Abrir.
 Volver-Olhar-Entrar.
 Verter-Cagar-Sorrir.
 Parlar-Burlar-Sujar.
 Soar-Amar-Suar.
 Tentar-Gritar-Berrar.
 Chorar-Romper-Sorrir.
 Torcer-Vergar-Rachar.
 Dobrar-Puxar-Largar.
 Correr-Parar-Fluir.
 — ESPERE-ME?
 — TÁ!

ROGER MIARKA A DANILO OLIMPIO E PAOLA AMARIS
13 de julho de 2021

Querida Paola, querido Danilo,

Que delícia de conversa, que me desloca a todo momento. Começo a me questionar sobre o lugar da academia. Será que nela ainda há espaço para a *experimentação*? E em um artigo, há espaço para a *experimentação*? Há alguns dias, propus, sem perceber de imediato a *captura* por um aparelho estatal, uma organização de nosso artigo-*experimentação* em seções que poderiam ser “aceitáveis” para um artigo cientificamente legítimo. Algo como a *captura* do punk pela vitrine. Há uma educação matemática de vitrine? Em nome do quê? Quanto de espaço há para a *experimentação* nesta vitrine? Se abandonamos a organização de um corpo-artigo por suas funções, como seria operar com um artigo *sem órgãos*? Algo como uma máquina de criar *afetos* para produzir lugares desconfortáveis. Parece-me que o critério passaria a ser o do

funcionamento, o da potência de afetar. Pergunto-me: nossa troca de cartas tem potência de *afeto*? Um artigo-*experimentação* como este oferece um convite eficiente para que seus leitores se *lambuzem* ou se sintam incomodados? Como ele pode funcionar? Que pode produzir um artigo-*experimentação* como este? Desconforto? Movimento? Fissura?

Quem sabe... vida?

PAOLA AMARIS A DANILO OLIMPO E ROGER MIARKA

13 de julio de 2021

Queridos Roger y Danilo,

Comienzo esta carta sin antes confesarles que no sé si estas palabras abarcaran todas las intensidades que me han provocado, sus cartas y el “cierre” de una asignatura que solo me ha dejado más preguntas, sensaciones e intensidades. Por eso intentaré registrar algunas de las preguntas y confesiones que me hicieron los estudiantes, además, de pensar en ese papel que ellos hicieron tanto énfasis y quizás la pregunta ¿qué puede un(a) profesor(a) en una sala de clase? aún me retumba más.

Comienzo con esta frase “suas experimentações não eram fechadas, eram vetores de saída”. Cuando leí la última carta de Roger y al preguntarse por la Academia: Será que nela ainda há espaço para a experimentação? Percibí la necesidad de provocar en nuestras *clases* [*encuentros*] esos lugares que pueden ser vectores de salidas, y saben por qué, me dice otro estudiante: “você não foi uma líder tirana, a gente ficou muito solto”. Diciéndome del incómodo que les producía cuando les dejaba en abierto algunas producciones con solo la pregunta: ¿Lo que hacen les funciona para lo que quieren proponer? En medio de eso me cuestiono: ¿Qué tan cerrado es aquello que se propone en los encuentros que olvidamos el acto de crear? Y aquella comparación de un profesor como ser tirano, que parte de dar la orden, de lo que hay que hacer y lo que no pueden, realmente me dejó tambaleando. A esto le agregan: “você foi uma professora nômade”, con ese comentario sentí que realmente vale la pena experimentar [y] crear [y] provocar lugares incómodos, en fin, ¿cómo crear *rupturas* en lo que ya está establecido?

Es por eso que esta pregunta siempre la llevo conmigo: ¿qué puede un(a) profesor(a) de matemática en el lugar que habita? Es que no solo se trata de la Escuela, la universidad, sino de nuestra propia existencia, de cómo provocar pensamientos sensibles, como me *manifestó* una estudiante al contarme cuál fue su lugar de partida para pensarse su investigación: “como descrever um afeto? Como falar sobre uma intensidade? Como me fazer entender? Será que isso é possível?”

ROGER MIARKA, PAOLA AMARIS E DANILO OLIMPIO AO MUNDO

15 de julho de 2021

Insisto: eu não quero escrever! Não quero! Não quero!

Não quero escrever uma escrita que almeje a representação da experiência, um mero decalque já nascido morto. A escrita que tenta representar já nasce fracassada. Assumamos a impossibilidade da escrita de algo em nome da escrita daquilo que ainda não aconteceu. Ou melhor, que seja a escrita o próprio *acontecimento*. Experienciemos uma escrita, assim como experienciamos *encontros* nas aulas da Paola, ou como Danilo experienciou o próprio gaguejar da experiência. Assumamos uma escrita movente do impossível. Tomemos a escrita como potência de invenção. Experienciemos a escrita de um manifesto que não explica, mas que aja como uma máquina de produzir *afetos* em uma composição de educação e educação matemática e filosofias da diferença...

Manifestemo-nos!

CARTA–MANIFESTO SEM SUJEITO**16 de julho de 2021**

Se educação matemática é um corpo,
este corpo é organizado com quais órgãos?
Pode uma educação matemática *sem órgãos*
com funções pré-determinadas?

Uma educação matemática se faz com corpos
e produz corpos.
Corpos *disciplinados* ou corpos *desejantes*?

Uma educação matemática pode *gaguejar*?
Que potência tem uma educação matemática gaga?

Educação matemática produz programas de cursos,
de instituições, de sociedades, de periódicos, de vidas...
Pode uma educação matemática em uma língua *menor*?

Uma educação matemática engendra
corpos educadores e aprendizes.
Corpos *escritos* por vontade,
com vontade ou à vontade?

Educação matemática e seu *funcionamento*:
doméstica ou afirma vidas?
Educação matemática *captura*?
Liberta?
Conjunção ou disjunção?

Uma educação matemática da ordem da *experimentação*
se produz pelo meio e opera com saídas.

Educação matemática como *baliza*
de meio
e não de fim.

Quanto de educação e quanto de matemática suporta
uma educação matemática do *acontecimento*?

educação matemática: um *quintal*, um *apartamento* ou um *alto-mar*?
Questão de habitação ou de ocupação?

Vale toda educação matemática
mas não *qualquer* uma.

Uma educação matemática *forma-dora*
ou *preparadora* de corpos?
Para confortar, incomodar ou deslocar?

Uma educação matemática pode operar
como uma máquina de criar *afetos*?

Uma educação Matemática pode criar

rupturas naquilo que já está estabelecido?

Uma educação matemática que opere
com *encontros*
e não com aulas ou disciplinas.

Uma educação matemática mais para *lambuzar-se*
do que para conhecer
pode ser um dos segredos
para uma vida feliz.

REFERÊNCIAS

- OQUEPODE, U. M. A.; REFERENCIA, Q. U. E.
Opere como consistência: na qual as funções dissolvam-se no caos da imanência? Possível Espaço: De Criação, s/d.
- TEMOS, A. Q. U. I. **Um espaço a ser ocupado:** ou está tudo capturado? Questões: Para Pensar, 2059.
- ARTIGOS, C. I. T. ados: podem operar como linhas de fuga, ou servem apenas para demarcar e afirmar? In: VENÇÕES, P.O.S. **Síveis ou estriamento imediato?** ESCAPES, (n-1).
- HAESPACO, P.A.; RAOBR. A.S. **Menores:** nas referências, tais como. Notas de: Lavanderia, ????
- COMO, R.E.F.; ERENCIAR, C.A. **Da afeto movimentado na criação:** de uma escrita? Multiplicidade: incapturável, $\frac{ds}{dt} = \infty$.
- REFERENC, I. A. R. **Ou reverenciar?** Eis uma outra questão. Assuntos: Delicados, Sempre.
- AREFERENCIA, E.S.T.A. Na linha ou nos olhos de quem lê? In: STAURAÇÃO.
Alianças podem ser criadas: no movimento de estar com. O texto?: Encontros, 8-).

Submetido em julho de 2023.
Aprovado em dezembro de 2023.

Danilo Olímpio Gomes

Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (Ifal), Piranhas, Alagoas, Brasil. ID Lattes: 7107392295236273. Orcid ID: 0000-0003-1883-4516.

Contato: danilo.gomes@ifal.edu.br

Paola Amaris-Ruidiaz

Pós-doutorado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no PPGEDUMAT/UFMS. Doutora e Magister em Educação Matemática pela "Universidade Estadual Paulista" (Unesp). Professora da "Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia". ID Lattes: 5661155827139119. Orcid ID: 0000-0001-6683-5359.

Contato: paola.amaris@uptc.edu.co

Roger Miarka

Amante de esportes, artes e filmes que o fazem sair do cinema se sentindo mal. Também "Livre" Docente em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e professor na mesma universidade. Apoio CAPES, processo 88887.718497/2022-00, e CNPq, processo 309177/2022-7. ID Lattes: 2746633087499932. Orcid ID: 0000-0002-0633-8446.

Contato: roger.miarka@unesp.br